LARANJA

A DIFÍCIL SITUAÇÃO DA ECONOMIA MUNDIAL TEM LEVADO À REDUÇÃO NO CONSUMO DO SUCO CÍTRICO, PRINCIPALMENTE NA EUROPA. NO ENTANTO, O PRODUTO BRASILEIRO TEM-SE BENEFICIADO DE SEUS PREÇOS COMPETITIVOS E A ACELERAÇÃO DAS MINI-DESVALORIZAÇÕES DO CRUZEIRO VEM AUXILIANDO AS VENDAS.

A citricultura brasileira apresentou, durante os anos setenta, as maiores taxas de crescimento entre todos os países produtores. Tal expansão pode ser visualizada no Quadro 1, em que se observa que a produção mundial apresentou um crescimento de 52%, no período 1971/80, enquanto a produção brasileira crescia 173%. Imediatamente a seguir, vem a citricultura egípcia, com uma expansão de 76%, à qual sucede a norte-americana, com um incremento de 43%.

Ao mesmo tempo, as importações mundiais de laranja **in natura** cresceram, no mesmo período, apenas 23,3% (ver Quadro 2). O principal mercado importador desta fruta foi (e continua sendo) a Europa, com uma participação no total importado de 79,9% em 1970 e de 70% em 1980. Vale lembrar que a queda relativa da participação européia foi compensada, em parte, pelos países asiáticos, que elevaram sua participação no total importado de 7,4% para 15,2% no período em questão.

Quanto ao processamento industrial da laranja, este aumentou 23,5% no período 1977/80, absorvendo cerca de 42% da produção mundial em 1980 (ver Quadro 3). Os principais países processadores são os EUA — que moem cerca de 85% de sua produção — e o Brasil, que vem aumentando a cada ano o volume de laranja destinado à indústria (ver Quadro 3), como forma de viabilizar as elevadas taxas de crescimento experimentadas pela produção doméstica.

A produção de laranja do estado de São Paulo — 80% absorvidos pela indústria — deverá alcançar 183 milhões de caixas na safra 1981/82, o que representa um aumento de 4,6% em relação à safra anterior. O elevado número de pés plantados em 1978 e 1979*, que estão entrando na fase produtiva nesta e na próxima safra, é, possivelmente, a principal causa explicativa dos aumentos ocorridos na produção nas safras 1981/82 e 1982/83, muito embora a florada da safra 1982/83 tenha sido excelente.

* 23,99 milhões, o maior plantio já verificado em um biênio, no país.

QUADRO 1

LARANJA – Evolução da Produção dos Principais Países Produtores e dos Continentes – 1971-80 – 1.000 t

Países \ Anos	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Egito	619	683	767	725	856	900	750	859	1.050	1.092
Marrocos	610	688	763	765	477	566	620	785	645	720
África do Sul	402	562	575	632	600	640	630	581	538	550
México	1.255	1.318	1.900	1.778	2.322	2.300	1.140	1.902	1.717	1.630
EUA	7.459	7.689	9.042	8.515	9.294	9.506	10.595	8.660	8.310	10.740
Argentina	990	750	783	833	729	691	800	670	706	762
Brasil	3.257	3.300	–	6.232	6.333	–	5.845	6.378	8.053	8.948
China	–	690	718	729	843	871	800	859	885	894
Índia	–	870	900	900	934	967	1.050	900	1.050	1.100
Israel	1.045	1.179	1.252	1.180	1.052	1.200	904	902	932	855
Turquia	455	573	562	510	551	561	–	668	692	693
Itália	1.325	1.554	1.566	1.770	1.580	1.624	1.900	1.622	1.781	1.830
Espanha	1.631	2.238	2.061	1.921	2.016	1.737	1.755	1.651	1.792	1.741
África	–	2.735	2.886	3.006	2.883	3.080	–	3.269	3.317	3.462
Am. Norte e Central	–	9.618	11.523	10.876	12.194	12.404	–	11.279	10.708	13.090
América do Sul	–	5.013	4.457	8.033	8.102	9.134	–	8.583	10.442	11.393
Ásia	–	4.829	5.027	4.799	4.643	4.892	–	5.672	5.852	5.885
Europa	–	4.460	4.175	4.397	4.263	4.034	–	3.951	4.025	4.280
TOTAL	25.570	27.065	28.420	31.642	32.609	34.091	–	33.330	35.080	38.798

FONTE: FAO Production Year Book.

Economicamente, porém, não é tão boa a situação do setor. A queda ocorrida na renda líquida dos citricultores, já a partir da safra 1980/81, quando os custos de produção sofreram aumentos superiores aos dos preços pagos pela indústria, forçou a uma redução nos tratos culturais. Os preços recebidos na atual safra, por sua vez, são ainda mais desfavoráveis, o que irá refletir-se num abandono maior dos pomares e, conseqüentemente, numa queda da produtividade.

No entanto, o elevado número de pés novos que estão entrando em produção na safra 1982/83, 15,9 milhões, deverá viabilizar mais um aumento na produção paulista de laranja. Deve-se destacar que, a partir de 1979, os novos plantios não visaram a um aumento do número de pés e, sim, apenas à reposição daqueles que entram na fase de erradicação. Esta reposição deverá, em médio prazo, elevar a produtividade da citricultura do estado – que ainda apresenta rendimentos por hectare muito baixos – pois os novos plantios estão sendo feitos de forma mais organizada e racional, buscando aumentar o número de árvores por unidade de área.

Quanto à comercialização da atual safra, continua apresentando problemas entre os citricultores e a indústria, em função do atraso no pagamento, da não-aquisição pela indústria das laranjas de casca mole (cujas perdas estão avaliadas entre cinco e dez milhões de caixas) e ao próprio preço fixado, de Cr$ 400,00/caixa, valor que os citricultores ainda questionam. Os Cr$ 400,00/caixa que a indústria pagará aos produtores, nesta safra, significam bem menos, na verdade, em razão do pagamento parcela-

do, que traz perdas significativas ao citricultor, considerando-se as elevadas taxas de inflação que continuam a ocorrer na economia brasileira.

Desta forma, em termos reais, os preços recebidos nesta safra deverão apresentar-se bem inferiores aos praticados em 1981. O produtor poderá, porém, auferir uma receita um pouco maior, caso as exportações de suco no ano comercial 1982/83 excedam as 440 mil t projetadas pela indústria, pois neste caso, para cada 10 mil t exportadas a mais o citricultor receberá uma bonificação de Cr$ 5,00 por caixa entregue para moagem.

Registre-se, porém, que a comercialização em nível de produtor deverá, a partir deste mês, apresentar sensível melhora, uma vez que a exportação de suco vem desde agosto mostrando um desempenho mais favorável. A existência de elevados estoques de suco concentrado de laranja no exterior, em poder de importadores e de empresas ligadas às indústrias paulistas, afetou significativamente a comercialização do produto, nos meses que se seguiram à geada de janeiro último, quando grande quantidade de suco foi exportada (janeiro e fevereiro). O baixo nível destes estoques, em agosto, propiciou, a partir daquele mês, uma melhora na comercialização externa do suco, devendo, nestes últimos meses do ano, caso se confirmem as estimativas de uma safra norte-americana 1982/83 reduzida, intensificar-se ainda mais.

As exportações brasileiras no período entre janeiro e agosto deste ano, sofreram uma redução de 4,4% no valor (US$ 389,10 milhões em 1981 contra US$ 372,00 milhões neste ano) e de 14,13% no volume de vendas, reduções estas que poderão ser anuladas, caso permaneçam as atuais condições favoráveis no mercado externo. Embora a crise econômica mundial tenha forçado uma redução no consumo de suco, principalmente na Europa, o pre-

QUADRO 2

LARANJA: Importação Mundial de Laranjas e Tangerinas, Segundo os Principais Países e os Continentes — 1970-81 — 1.000 t

Países \ Anos	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980
Canadá	201,3	199,5	208,8	209,5	212,0	236,0	311,7	340,7	261,3	249,1	295,4
Hong Kong	99,8	106,7	118,3	135,2	108,4	144,5	137,0	143,6	145,3	123,0	149,6
Bélgica e Luxemburgo	187,4	170,8	208,3	155,0	184,9	188,9	190,7	195,5	192,6	196,5	182,9
França	750,6	727,9	814,1	875,3	815,1	798,5	838,0	870,9	827,5	813,9	829,9
Alemanha Ocidental	945,3	824,6	896,6	948,9	828,9	815,6	750,1	859,8	778,3	829,2	772,6
Holanda	289,1	292,7	335,4	321,9	332,4	362,3	359,1	356,9	339,2	363,8	369,0
Suécia	115,4	109,4	114,3	108,4	97,9	111,0	115,6	115,6	104,7	111,7	109,0
Inglaterra	421,8	454,9	446,9	475,8	429,9	424,5	415,3	396,7	419,6	412,3	467,9
URSS	258,4	266,9	344,7	327,5	373,2	356,4	325,7	354,5	337,3	333,5	380,3
Europa	3.436,1	3.281,6	3.618,8	3.715,2	3.540,0	3.543,3	3.539,3	3.696,3	3.524,3	3.584,0	3.600,1
Am. Norte e Central	250,2	249,1	267,3	275,9	269,3	275,6	353,5	393,3	324,9	317,6	344,0
América do Sul	3,1	2,2	3,5	6,5	1,6	5,2	2,1	3,1	4,6	22,9	22,7
África	14,5	12,3	13,9	15,6	15,4	15,1	17,0	23,2	16,6	18,0	11,9
Ásia	319,9	356,2	397,3	465,8	469,7	760,0	873,8	841,2	661,0	694,3	783,0
TOTAL	4.296,9	4.183,8	4.662,1	4.823,8	4.687,5	4.975,1	5.127,9	5.330,4	4.888,1	4.985,9	5.159,1

FONTE: FAO Trade Year Book.

QUADRO 3

LARANJA – Quantidade Destinada ao Processamento Industrial Nos Principais Países
1977-80 – 1.000 t

Países \ Anos	1977	% da produção nacional	1978	% da produção nacional	1979	% da produção nacional	1980	% da produção nacional
EUA	8.805	83,7	7.792	90,0	6.956	83,7	8.935	83,2
Brasil	2.730	46,7	3.180	49,9	5.018	62,3	5.508	61,6
Israel	240	26,5	241	26,7	213	22,8	275	32,2
México	230	20,2	100	5,2	300	17,5	300	18,4
Austrália	230	–	230	–	202	–	183	–
Itália	220	11,6	235	14,5	315	17,7	350	19,1
Espanha	170	9,7	190	11,5	146	8,1	115	6,6
Argentina	115	14,4	50	7,5	110	15,6	140	18,4
África do Sul	110	17,5	100	17,2	131	24,4	151	26,5
Grécia	85	–	70	–	110	–	45	–
Outros	230	–	230	–				
TOTAL	13.165	–	12.228	36,7	13.746	39,2	16.267	41,9

(*) Dados preliminares.
FONTE: USDA, FAO, IEA.

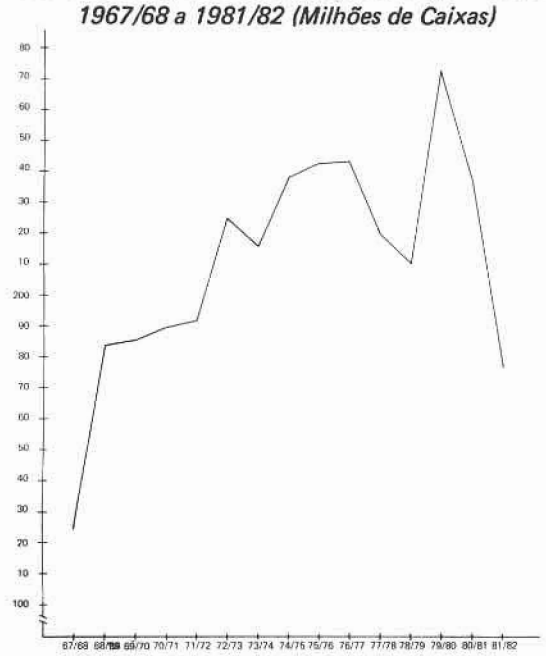
ço competitivo do produto brasileiro tem sido capaz de anular em parte esta situação desfavorável. No mercado norte-americano, o consumo se manteve estável nos últimos três anos, graças à competitividade do produto naquele mercado. Deve-se destacar, ainda, que a aceleração das mini-desvalorizações do cruzeiro, a partir de agosto, torna mais barato o produto brasileiro no mercado internacional, viabilizando, assim, o aumento das vendas.

Neste ano, o principal mercado consumidor continua sendo o norte-americano, a exemplo do que ocorreu em 1981, quando a produção daquele país foi novamente afetada por forte geada. As importações dos EUA que, em 1979/80, foram de 16,534 milhões de galões, passaram para 56,851 milhões em 1980/81 e já alcançaram a cifra de 55,542 milhões no período de 1º de dezembro a 10 de setembro deste ano, 12% superiores às importações de igual período do ano comercial 1980/81. O volume total comercializado no mercado interno dos EUA, que foi de 232,829 milhões de galões em 1979/80, passou para 228,505 milhões de galões em 1980/81 e chegou a 175,702 milhões de galões no período citado acima, refletindo uma queda de 3%, se comparado com igual período em 1980/81. Vale lembrar, ainda, que o total de suco processado em 1981/82 foi 23,6% inferior ao processado no ano anterior (174,537 milhões de galões em 1980/81 contra 133,4 milhões de galões no atual ano) em conseqüência da reduzida oferta de matéria-prima que caracterizou este período.

A produção de laranja dos EUA sofreu drástica redução nestes dois últimos anos (1980/81 e 1981/82) como conseqüência das fortes geadas que ocorreram em janeiro de 1981 e 1982 (ver Gráfico 1). A ação cumulativa das duas geadas causou, inclusive, a erradicação de um número significativo de árvores, fato que deverá ter reflexos negativos sobre a próxima safra norte-americana. Desta forma, tudo indica que a produção de laranja da Flórida não conseguirá recuperar-se no próximo ano, propiciando grandes importações de suco, de que se beneficiará o Brasil. Os primeiros números divulgados pelo USDA, revelam uma produção de 147 milhões de caixas para o estado da Flórida, 14,4% superior à safra colhida em 1981/82.

GRÁFICO 1

EUA – Evolução da Produção de Laranja – Safras 1967/68 a 1981/82 (Milhões de Caixas)



FONTE: Foreign Agriculture Circular.

A recuperação da produção naquele estado norte-americano teria como principais causas as boas condições climáticas que prevaleceram no período da florada e os intensos tratos culturais. A recuperação mais significativa deu-se na produção das laranjas "Valência", que apresentaram um crescimento de 37% e foram, também, as mais afetadas pela geada passada. As laranjas precoces e de meia estação apresentam, para a próxima safra, uma redução de 3%. Estas variedades já estavam totalmente colhidas em janeiro deste ano.

A primeira estimativa do USDA da safra 1982/83 de laranja dos EUA revela uma produção de 208,7 milhões de caixas, 20,6% superior à obtida no corrente ano. Vale lembrar porém, que a produção da Califórnia, que em 1981/82 havia sido castigada por severa seca, apresentou este ano um aumento de 46,5% e que estas laranjas destinam-se ao consumo **in natura** e à exportação. Além disso, esta é a primeira estimativa da safra 1982/83, podendo, nas próximas, apresentar ainda alguma redução. Vale ressaltar, também, que o estoque remanescente norte-americano projetado para 1981/82 é de 40/45 milhões de galões, contra os 69 milhões da temporada anterior.

As vendas brasileiras para o mercado norte-americano poderão, entretanto, ser prejudicadas, caso a ITC (**International Trade Comission**) decida sobretaxar o suco importado do Brasil, em retaliação aos subsídios supostamente concedidos ao produto, pelo governo brasileiro. A denúncia, inicialmente feita pela **Florida Citrus Mutual** (Cooperativa dos Produtores de Cítricos da Flórida) e posteriormente endossada pela indústria, acusa o produto brasileiro de causar danos ao produtor norte-americano, na medida em que os citricultores daquele país não estariam sendo compensados pelas perdas causadas pela geada, via um maior preço recebido. Isto não estaria acontecendo, em virtude da disponibilidade de suco brasileiro e dos atuais preços praticados pelo Brasil no mercado externo.

A denúncia feita pela **Florida Citrus Mutual** foi inicialmente aceita pela ITC, que acabou concluindo, meses após, numa investigação preliminar, que o produto brasileiro de fato recebe subsídios do governo. As investigações deverão prosseguir até o final deste ano, quando serão concluídas e, então, iniciar-se-ão negociações entre representantes do Brasil e do governo norte-americano.

A principal alegação dos norte-americanos, de que as importações de suco brasileiro experimentaram um aumento muito elevado nos últimos dois anos e que isto teria como causa os subsídios que o produto recebe, não parece ter muito fundamento. De fato, as exportações para aquele mercado só foram viabilizadas graças às geadas, que reduziram sobremaneira as safras 1980/81 e 1981/82, numa queda acumulada de 36,5% sobre a última safra normal da Flórida (206,7 milhões de caixas em 1979/80 contra 131,2 milhões em 1981/82). Vale lembrar, ainda, que de acordo com os dados preliminares, a próxima safra também ficará abaixo do nível considerado normal, o que implicará novas importações para o suprimento do mercado doméstico dos EUA.

A imposição do pagamento de uma sobretaxa – o produto já paga cerca de US$ 480,00/t de impostos no mercado daquele país – ao suco brasileiro irá, naturalmente, elevar o preço ao consumidor, reduzindo, desta forma, a demanda e, conseqüentemente, as exportações brasileiras, o que trará dificuldades ao setor, no Brasil. Contudo, também ocorrerão problemas para os consumidores e industriais norte-americanos, através de inevitáveis aumen-

tos de preços para os primeiros e redução dos lucros para os últimos, cujo aumento da capacidade ociosa viria elevar os custos fixos de produção e, por conseguinte, o preço final do produto. Vale lembrar, ainda, alguns fatores que parecem invalidar a denúncia dos norte-americanos:

1) o produto brasileiro, até a temporada passada, era um dos poucos produtos de exportação que pagava 10% de imposto, o que, se de fato existisse um subsídio, resultaria num paradoxo;

2) na atual temporada, o Imposto de Exportação foi reduzido para 1%, como forma de viabilizar uma melhor remuneração para o citricultor, não tendo, porém, reflexos sobre o preço mínimo de exportação, que foi mantido em US$ 1.100,00/t, na medida em que as cotações externas do produto, embora já tenham alcançado níveis mais altos, encontram-se atualmente no mesmo patamar do ano passado (ver Gráfico 2).

3) o aumento das vendas brasileiras para o mercado norte-americano, não apenas em 1981 e 1982, mas também em outras ocasiões, foi propiciado sempre pela ocorrência de geadas nos pomares da Flórida, criando, assim, um hiato entre a oferta e a demanda naquele mercado;

4) o setor industrial de suco, assim como os demais setores industriais no Brasil, cujas produções se destinam em parte para o mercado externo, recebe, através da Resolução 674, crédito a juros diferenciados para o pagamento da matéria-prima e da mão-de-obra (o volume de crédito corresponde a 40% do valor das exportações no ano anterior). Isto, porém, não pode ser encarado como um subsídio específico ao suco concentrado, pois faz parte da política de exportações do Brasil. Além disso, não infringe as normas do GATT.

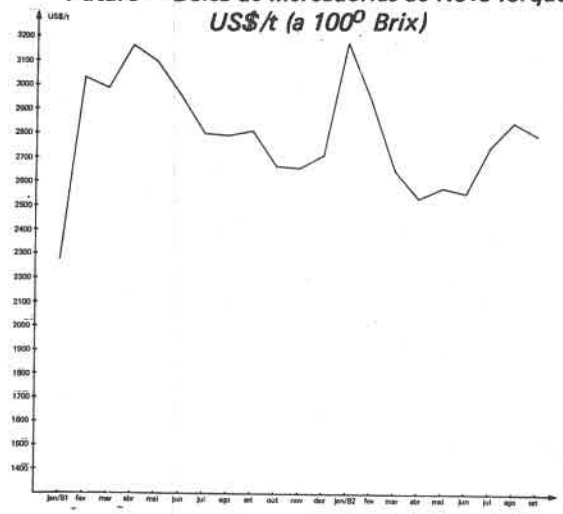
As negociações finais referentes à sobretaxação do produto brasileiro deverão ainda receber um tratamento em nível governamental, visto que esta parece ser mais uma das medidas protecionistas tão ao gosto do governo norte-americano, na atual conjuntura. Caso seja efetivamente sobretaxado o suco, o governo brasileiro deverá optar por evitar essa taxa adicional, aumentando o Imposto de Exportação na mesma magnitude da sobretaxa imposta, o que será muito mais vantajoso para o Brasil, por razões óbvias.

As exportações brasileiras de suco, no ano comercial 1982/83, deverão, segundo estimativas do USDA, alcançar 520 mil t (contra 550 mil em 1981/82) para uma oferta total projetada em 630 mil t, o que resultaria num estoque remanescente de 94 mil t, já descontadas as 16 mil t que deverão ser consumidas no mercado interno. Segundo estimativas da indústria brasileira, a produção de suco no corrente ano deverá chegar a 570 mil t, contra 620 mil t projetadas no início da moagem e 590 mil projetadas pelo USDA. Esta redução, segundo a indústria, teria sido causada por um maior consumo de laranja **in natura** e pela redução no rendimento industrial, em virtude da seca que ocorreu nas principais regiões produtoras de São Paulo. A oferta total estaria, assim, projetada em cerca de 650 mil t, considerando-se os estoques de 80 mil t (40 mil t no Brasil e 40 mil t no exterior).

O esquema definido pela Cacex, para a exportação de suco no ano comercial corrente, distribuiu 416 mil t pelas empresas, de acordo com o potencial de esmagamento. O preenchimento das quotas definidas inicialmente, acarretará a definição de novas quotas para as indústrias. A capacidade de esmagamento do parque industrial paulista é hoje de cerca de 230 milhões de caixas, com algo em torno de 570 extratoras instaladas (ver Gráfico 3). Pelo mesmo gráfico, pode-se constatar que o período 1978/81 foi marcado por um aumento significativo da capa-

GRÁFICO 2

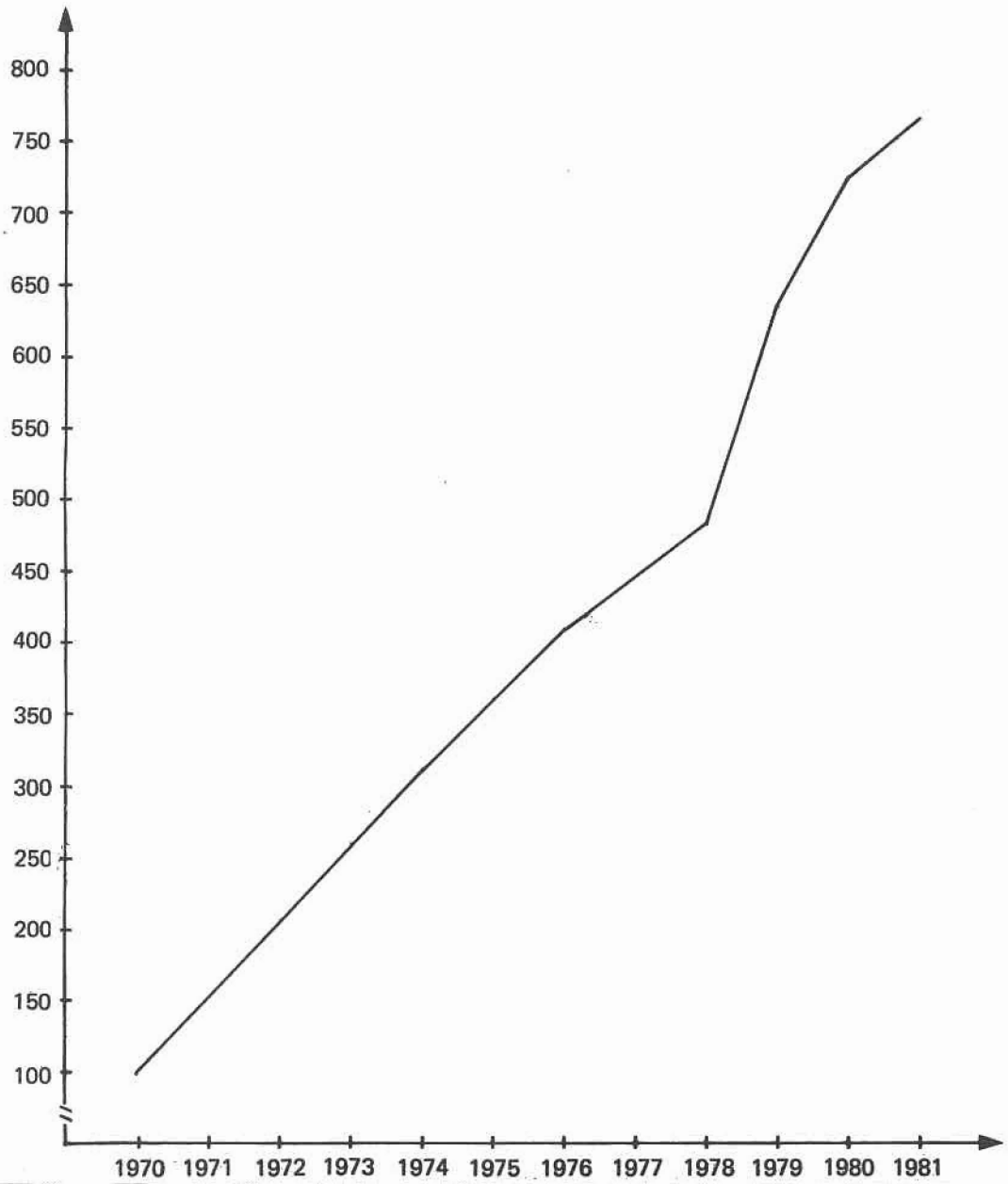
SUCO DE LARANJA – Cotações Médias Mensais do 1º Futuro – Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque US$/t (a 100º Brix)



FONTE: Unicom News.

GRÁFICO 3

SÃO PAULO: Evolução da Capacidade de Moagem da Indústria Processadora de Laranja, em Termos de Extratoras Instaladas — 1970-81 (1970 = 100)



cidade instalada de moagem da indústria paulista, em virtude da expansão ocorrida nas exportações de suco no mesmo período.

O elevado montante de investimentos feitos no Brasil, tanto no setor agrícola como no industrial, no que concerne à laranja, mostra a importância do setor para a economia do país. Mostra, também, sua vulnerabilidade, pois não se pode esperar que, todos os anos, as geadas da Flórida viabilizem o bom andamento das vendas da citricultura brasileira. A busca de novos mercados, interna e externamente, evitará que novos impasses ocorram entre citricultores e industriais, a exemplo do que aconteceu este ano, com perdas substanciais para os produtores e um profundo desgaste para todas as partes envolvidas, inclusive o próprio governo, que acabou sendo acusado de parcialidade, em favor do setor industrial.